

Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relação tóxicas¹

Renata ALBERTIM²

Marcelo MARTINS³

Universidade Federal Rural de Pernambuco, PE

RESUMO

Neste artigo, procurou fazer-se uma reflexão acerca do relacionamento abusivo explorando o vídeo do ciclo do relacionamento abusivo, desenvolvido pela rede Mete a Colher, através da análise semiótica discursiva greimasiana. A intenção do filme é desmistificar os motivos que fazem mulheres viverem relacionamentos tóxicos, além de estimular a empatia e ajuda entre mulheres. Concluiu-se que a semiótica greimasiana foi de fundamental importância para analisar e compreender qual a intenção de um enunciador de uma mensagem quando se comunica com o seu enunciatário.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica discursiva, ciclo do abuso, relacionamento abusivo, Mete a Colher.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher, mais especificamente a abordagem sobre relacionamento abusivo, é um tema que vem ganhando maior relevância nos últimos 10 anos, a partir da criação da Lei Maria da Penha - nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 - e também com o avanço dos debates feministas nas redes sociais digitais, por exemplo, o Facebook. Temas como desigualdade de gênero⁴ e machismo⁵ estão sendo cada vez mais discutidos com o objetivo de compreender a raiz do problema: violência contra a mulher.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica e Comunicação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação de Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, da UFRPE, e-mail: renatalbertim@gmail.com.

³ Professor orientador. Docente do Programa de Pós-graduação de Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, da UFRPE, e-mail: machadomartins@yahoo.com.br

⁴ O conceito de gênero está relacionado a construção de papéis masculinos e feminino, baseado no caráter biológico binário do sexo masculino e feminino. Segundo Scott (1990), as relações de poder podem se dar a partir das relações de gênero.

⁵ O conceito de machismo está baseado na valorização do sexo masculino em detrimento do sexo feminino. No âmbito social, o machismo percebe a mulher como um ser inferior.

Por mais que debates e reflexões sejam gerados na sociedade brasileira, com o objetivo de fomentar a igualdade de gênero com base nas diretrizes feministas⁶, diariamente 13 mulheres brasileira morrem vítimas da violência doméstica, causada por algum homem próximo, como marido, namorado, pai, irmão⁷. Este dado apresentado pelo Mapa da Violência (2015) foi uma das informações que chamou a atenção da autora quando criou, em 2016, a rede de apoio a mulheres Mete a Colher, com mais 8 mulheres amigas, sediada em Recife/PE.

O Mete a Colher⁸ é uma rede colaborativa *online* que ajuda mulheres que estão vivendo algum tipo de relacionamento abusivo. O objetivo do coletivo⁹ é conectar mulheres que estão precisando de ajuda para sair de relações que as maltratam, com mulheres que desejam ajudar. Além das conexões feitas de forma *online*, diariamente o Mete a Colher conversa com mulheres, via *inbox* no Facebook, oferecendo apoio e orientações sobre centros de referência, delegacia da mulher e ONGs, como também desenvolve postagens educativas desmistificando o que é relacionamento abusivo e compartilhando matérias jornalísticas sobre violência doméstica e desigualdade de gênero. Com pouco mais de dois ano de vida, o Mete a Colher já ajudou diretamente mais de 2 mil mulheres em todo o Brasil e conta com uma vasta rede de mulheres que apoiam o projeto e que se disponibilizaram a ajudar outras mulheres de forma voluntária.

Em 23 de agosto de 2016, o Mete a Colher elaborou um vídeo¹⁰, com duração de 1 minuto, que explica de forma didática o ciclo do relacionamento abusivo e os motivos que fazem as mulheres permanecerem na relação abusiva. O objetivo do vídeo é ampliar a informação acerca da relação abusiva e, principalmente, estimular o conceito de empatia entre mulheres, bastante presente na ideologia feminista.

O vídeo fez parte de uma campanha de financiamento coletivo que o Mete a Colher lançou, em agosto e setembro de 2016, com o objetivo de angariar verba, entre os apoiadores e seguidores da rede, para o desenvolvimento de um aplicativo digital para

⁶ “Igualdade social para ambas as categorias de sexo” (SAFFIOTI, 2015, p.49)

⁷ Mapa da Violência 2015

⁸ <https://www.facebook.com/appmeteacolher/>

⁹ O Mete a Colher se considera um coletivo porque consegue alcançar uma grande quantidade de pessoas em busca de um mesmo objetivo.

¹⁰ Link do vídeo:

<https://www.facebook.com/pg/appmeteacolher/videos/> ou <https://www.youtube.com/watch?v=kmLK9rDyQHY>

smartphones, e desde a citada data, o filme já foi visualizado por 3,1 milhões de pessoas, além de ter sido compartilhado em *fanpage*, no *Facebook* de jornalismo independente e de grande alcance como *Mídia Ninja*¹¹ e *Quebrando Tabu*¹².

O alto impacto e a relevância da informação contida no vídeo do ciclo do relacionamento abusivo fazem desse o objetivo de estudo do presente artigo. Através da Semiótica Greimasiana¹³, os autores irão analisar as manifestações textuais do filme, como também compreender de que forma o vídeo é eufórico para a mulher que está em conjunção com o rompimento de um relacionamento abusivo.

Entendendo e conhecendo a enunciatória e o objetivo da comunicação

A violência familiar está presente em diversos lares brasileiros e, para se estabelecer, não há distinção entre classe social, raça, etnia, escolaridade e gênero. Como bem explica Saffioti (2015), “compreendida na violência de gênero, a violência familiar pode ocorrer no interior do domicílio ou fora dele, embora seja mais frequente no primeiro. A violência intrafamiliar extrapola os limites do domicílio.” (p. 75). A autora inclui também a concepção sobre a violência doméstica que pode atingir pessoas que não fazem parte da família de forma integral, porém de forma parcial, por exemplo, agregados e empregados (as) domésticos (as).

No âmbito da violência familiar/doméstica, está presente a violência conjugal, que acontece entre um casal, seja ele heteroafetivos ou homoafetivo, aqui vamos tratá-la como relacionamento abusivo, que se manifesta através de intimidações, humilhação, desqualificação, fazer a pessoa sentir-se mal consigo mesma, empurrar, esbofetear, estrangular, ameaçar usar armas brancas ou armas de fogo, forçar relações sexuais, assassinatos, dentre outras. Essas são algumas características apresentadas pela cartilha de *Enfrentando a Violência Contra a Mulher* (2005), que tem como objetivo orientar de forma prática os profissionais e voluntários que trabalham diretamente com a violência contra a mulher, desenvolvida pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

Como descrito na cartilha (2005), existe um ciclo do relacionamento abusivo que são séries de ações comuns entre os agressores e acontecem em três fases. No

¹¹ https://www.facebook.com/MidiaNINJA/?ref=br_rs

¹² https://www.facebook.com/quebrandootabu/?ref=br_rs

¹³ “uma teoria geral da geração do sentido na interação.” (LANDOWSKI, 2014, p.10)

primeiro momento, a construção da tensão no relacionamento se dá através da agressão verbal com gritos, xingamentos, ameaças até explodir para a segunda fase, denominada de explosão da violência. Esta se apresenta em forma de espancamentos, murros, chutes, é o momento em que as agressões atingem níveis elevados, e no entanto, é considerado de curta duração porque, conseqüentemente, o agressor entra na terceira fase, onde se instala o arrependimento. Durante esta fase, nomeada de lua de mel, o agressor se arrepende de todo o mal que causou e sente remorso de perder a companheira, que finda por perdoar.

Como o próprio nome já diz, isso é um ciclo. Cada vez que uma mulher passa por esse percurso, mais fragilizada psicologicamente e mais desacreditada de si mesma ela fica, sendo de extrema importância o apoio de uma terceira pessoa para auxiliá-la no rompimento do ciclo do abuso.

A violência doméstica, mais especificamente o relacionamento abusivo, para ser sanada, precisa de uma “intervenção externa. Raramente uma mulher consegue desvincular-se de um homem violento sem auxílio externo” (SAFFIOTI, 1999, p. 85). É possível relacionar este auxílio como o apoio de algum parente, amiga da vítima, intervenção de vizinhos, leis, centro de apoio, delegacia específica, enfim, faz-se necessário a atuação da sociedade e de equipamentos e políticas públicas para ajudar no processo de ruptura da relação abusiva.

A doutrina feminista faz muito o uso da palavra sororidade¹⁴ que significa a empatia e companheirismo entre mulheres. O Mete a Colher acredita que a sororidade é a capaz de fazer com que mulheres cada vez mais se apoiem e se ajudem com o objetivo de desmistificar algumas impressões sociais pré-estabelecidas como: mulheres se odeiam, competem entre si, rouba uma o marido da outra, mulheres não prestam e, principalmente, que em briga de marido e mulher ninguém mete a colher, ditado deste que levou a criação do nome do coletivo estudado. A partir de uma visão empíricas, em pouco mais de dois anos de rede, o Mete a Colher afirma que mulheres estão dispostas a se ajudarem mutuamente em busca de uma sociedade mais justa e menos violenta contra elas mesmas.

Utilizando os recursos de métricas e alcances dados de forma gratuita pela plataforma do Facebook, das 107 mil pessoas que seguem a página do Mete a Colher,

¹⁴ A sororidade tem o mesmo conceito de empatia, no entanto, é uma empatia apenas entre mulheres. O termo surge entre o movimento feministas com o objetivo de estimular uma aliança e companheirismo entre mulheres.

na rede social, 95% são mulheres, entre 18 e 35 anos. De acordo com os engajamentos (curtidas, compartilhamento e comentários) das seguidoras da rede, pode-se construir um simulacro sobre estas: 1) a partir dos comentários e conversas *inbox* podemos perceber que estão em conjunção com a violência familiar e/ou doméstica, 2) querem saber mais sobre relacionamento abusivos, 3) têm algum tipo de interesse ou aproximação com o assunto, 4) desejam ajudar mulheres em situação de violência familiar¹⁵.

O semioticista Fiorin (2008) apresenta três correntes com o objetivo de mostrar a necessidade de uma teoria da comunicação de massa. Dentre elas está a necessidade de conhecer e compreender sobre o público ao qual se comunica. Desta forma, o autor fala que este *target* é um co-enunciador. Assim, toda a comunicação que o Mete a Colher desenvolve para as redes sociais, tem como principal objetivo comunicar às mulheres sobre relacionamento abusivo, estimulando-as a sair da relação ou ajudar outra mulher a sair da situação de vítima.

Como já foi exposto, o presente trabalho apresentará uma análise semiótica de manifestação de textualização do vídeo do “Ciclo do abuso”. O conjunto textual do conteúdo, audiovisual, é uma concretização de um texto sincrético - audiovisual. No entanto, apesar de apresentar duas linguagens, o receptor da mensagem, o enunciatário, compreende o sentido como um todo e não dividido por partes ou processos produtivos do vídeo. (FIORIN, 2008)

Vídeo eufórico para entrar em disjunção com o relacionamento abusivo

O vídeo do ciclo do abuso do Mete a Colher, apesar de simples e curto, ganhou uma grande repercussão entre seguidores e seguidoras do coletivo, no *Facebook*. Na figura 1 é possível ter uma ideia geral do vídeo mesmo que o leitor não tenha assistido o conteúdo. O material feito em desenho gráficos dá vida a três personagens, sendo uma personagem a representação de um homem e duas personagens na representação de mulher. Esses personagens têm ações curtas, porém ganham maiores interpretações com o apoio do texto que vai se formando durante cada cena. A trilha, que embala a melodia do vídeo, tem um sentido crescente que ajuda o enunciatário a identificar o ponto alto da produção.

¹⁵ Informações retiradas da página do Facebook do Mete a Colher.

O vídeo tem o objetivo de oferecer uma teatralização da vida de uma mulher que sofre em um relacionamento abusivo.

Figura 1 - roteiro do vídeo do ciclo do abuso



Fonte: Mete a Colher

Há neste conjunto textual todo o processo de um ciclo que existe dentro de uma relacionamento abusivo. No primeiro momento, o enunciador questiona o enunciatário sobre um tema que está muito vivo no imaginário das pessoas que seguem o coletivo Mete a Colher nas redes sociais, “por que tantas mulheres não conseguem sair de um relacionamento abusivo?”. Esta, por ser uma pergunta que gera curiosidade no público em saber quais motivos fazem as mulheres permanecerem no relacionamento abusivo, deixa o espectador desejoso a saber e entender este “por que”. E, conforme Fiorin apresenta, “temos aqui a passagem [projeção] de um não-saber para um saber” (1989, p. 18).

Com o decorrer do vídeo, é apresentado todas as fases do ciclo do abuso: 1) Escala da tensão; 2) Explosão da violência; 3) A lua de mel e, em seguida, mostrando que o ciclo volta a se repetir. Sendo assim, a mulher precisa de ajuda para sair da situação de relacionamento abusivo. A última cena é a assinatura do Mete a Colher juntamente com o *slogan* “rede de apoio entre mulheres” e o *site*.

O percurso gerativo, sob a ótica de Greimas e Courtés (s/d), apresenta uma relação entre os componentes do discurso através de um ”percurso” (s/d, p. 206) que compreender a produção de sentido a partir da articulação de elementos que vai do mais

simples aos mais complexos, dos mais abstratos ao mais concretos. Esse caminho a ser seguido inicia-se na esfera fundamental do discurso, passando das estruturas narrativas e finalizando no nível discursivo.

As sintaxe fundamental, como apresenta Barros (2001), fundamenta-se entre dois termos, manifestando uma relação de dupla natureza entre os objetos, oposição, contradição. No vídeo que está sendo analisado, temos uma relação de contrariedade entre /vida/ *versus* /morte/, termos que fazem parte de uma mesma semântica que diz respeito à vida da vítima, sendo a /vida/ com valor eufórico e a /morte/ valor disfórico.

A qualificação eufórico x disfórico é considerado valor positivo e negativo, respectivamente (FIORIN, 1989). Relacionando ao vídeo, a /vida/ corresponde a ordem geral do humano, o direito de viver em oposição a /morte/ que, aqui, pode ser compreendida como o fim que a mulher vítima da violência doméstica pode ter: ser morta pelo companheiro.

Seguindo a lógica de Barros (2001), /vida/ e /morte/ têm relação de contradição, e, cada um desse termo pode ter uma relação de negação consigo mesmo, por exemplo /não-vida/ e /não-morte/. Estas últimas, em sua forma negativa, estabelece uma relação de complementariedade com a primeira, conforme na figura 2.

Figura 2 - esquema do nível fundamental

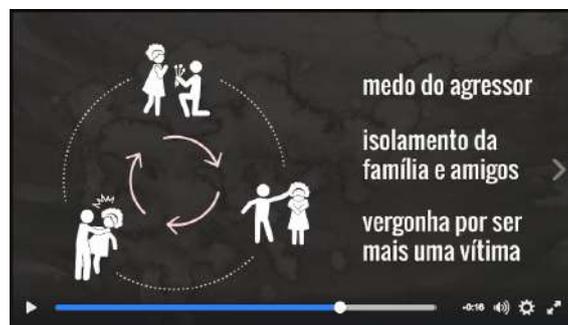


Adentrando no nível narrativo do percurso gerativo, no qual iremos analisar a narratividade do vídeo: “quando se tem um estado inicial, um transformação e um estado final” (FIORIN, 1989, p. 27-28). Nesta fase determina-se também os papéis do

sujeito e o objeto narrativos, estes, na visão de Fiorin (1989), podem ser pessoas, coisas ou animais. Na narratividade acontece uma sucessão de acontecimento, relações com o receptor, como também os conflitos existentes entre o sujeito e o seu objeto (também chamado do objeto-valor).

Usando de exemplo o vídeo que está sendo analisado, a narratividade está no desenrolar de acontecimento em que o sujeito1 - mulher vítima do abuso - entra em conjunção com ciclo e progressões de abusos sofrido pelo fazer do sujeito2 - homem agressor - (figura 3) e aquela desamparada com os sentimentos de medo, isolamento e vergonha, precisa da ação de um sujeito3 - no caso, uma outra mulher que ajuda - para auxiliar no na disjunção, no rompimento do ciclo abusivo (figura 4). Partindo do pressuposto que todo relacionamento abusivo é considerado negativo, podemos considerar que objeto-valor é o rompimento do ciclo do abuso. A conjunção tem valor de união, aproximação do objeto-valor e a disjunção tem valor de separação, afastamento do objeto-valor.

Figura 3 - cena 6 do vídeo do ciclo do abuso



Fonte: Mete a Colher

Figura 4 - cena 7 do vídeo do ciclo do abuso



Fonte: Mete a Colher

Todas as passagens de acontecimentos no nível narrativo, organizam-se de forma hierárquica. “As transformações narrativas articulam-se numa sequência canônica, assim chamada, porque, de um lado, revela a dimensão sintagmática da narrativa e, de outro, mostra as fases obrigatoriamente presentes no simulacro da ação do homem no mundo, que é a narrativa” (FIORIN, 1995, p. 168, 169). São elas: manipulação, competência, performance e sanção. Estas serão analisadas de acordo com o vídeo no *site Youtube* de Claudio Rabelo (2016) nomeado de “Como fazer uma análise semiótica discursiva?”

A fase da manipulação de uma ação é perpetrada por um sujeito para outro sujeito querer fazer ou dever fazer alguma coisa. Por exemplo, quando um marido determina que sua esposa não pode usar roupas curtas e decotadas, a manipulação acontece pelo o dever fazer da esposa, mas não obrigatoriamente pelo o querer fazer. Nessa lógica pode ser que a mulher queria usar roupas curtas e decotadas, mas por ciúmes, por exemplo, e talvez ameaças do marido, ela acredita que deve usar roupas mais longas e fechadas.

Dentre os tipos variados de manipulação que podem ocorrer em determinadas situações, no vídeo do ciclo do abuso estão presentes a intimidação e a provocação. Aquela acontece em duas situações: 1) se você não romper esse seu relacionamento, você vai continuar aquela situação de relacionamento abusivo e 2) se você não ajudar uma mulher a romper esse relacionamento abusivo, você vai deixar com que mulheres continuem sofrendo em suas relações. As provocações sucedem quando 1) o vídeo estimula a mulher a se identificar em um relacionamento abusivo, quando a enunciatária identifica algumas daquelas ações em seu relacionamento atual e passa a ter a consciência de que vive um ciclo abusivo e 2) quando a mulher que quer ajudar percebe que ela pode ser uma pessoa fundamental na quebra do ciclo de um relacionamento abusivo, podendo até ser caracterizada com heroína.

Após da fase da manipulação, vem a fase da competência. Aqui o sujeito da ação tem a capacidade de poder fazer ou saber fazer o previsto na manipulação. Logo, a competência está na rede *Mete a Colher* no qual tanto a mulher vítima quanto a mulher que quer ajudar podem encontrar no *Mete a Colher* a possibilidade de saber o que é um relacionamento abusivo, como também, saber que a rede pode ser um local onde ela

pode buscar ajuda ou ajudar outra mulher. O Mete a Colher fornece as pessoas a competência para quebrar o ciclo do relacionamento abusivo.

A performance é a fase em que ocorre a transformação de estado da ação. No vídeo do “Ciclo do abuso”, a performance se encontra quando a vítima tem o seu relacionamento abusivo rompido por conta de uma outra mulher que queria ajudá-la. A mulher que deseja ajudar entra em conjunção com a vítima e, neste momento, torna a vítima em disjunção com o relacionamento abusivo.

A sanção é a quarta e última fase do esquema narrativo canônico. É a comprovação que a performance foi realizada. No vídeo do “Ciclo do abuso” a sanção não está posta, mas a performance leva a crer que a vítima vive uma vida sem relacionamento abusivo. Nas fases narrativas fica possível perceber que a vítima está em conjunção com o relacionamento abusivo e, conseqüentemente, em disjunção de uma vida boa e feliz. Uma mulher disposta a ajudar entra em conjunção com a vítima e auxiliá-la na disjunção do relacionamento abusivo.

Por fim, o nível discursivo é a última fase da análise da semiótica discursiva. “Este patamar é aquele em que se revestem as estruturas narrativas abstratas” (FIORIN, 1995, p. 170 e 171). Aqui o objetivo analisado vai apresentar tanto sua temática e figuratização como a instauração de pessoas, tempo e espaço.

O objetivo central do vídeo “Ciclo do abuso” é apresentar o tema do relacionamento abusivo. Diariamente a rede Mete a Colher recebe informações e relatos de casos de relacionamentos abusivos no casamento, entre namorados e ex-companheiros e, acompanhando desses relatos, vem a dúvida das vítimas se o que ela está vivendo com o seu companheiro é um relacionamento abusivo. Por este motivo, o enunciador Mete a Colher se propôs em apresentar um vídeo que trouxesse à luz sobre o tema e desmistificasse o motivo que faz uma mulher viver essa situação e o que é considerado relacionamento abusivo a partir das fases do ciclo.

O vídeo é todo composto por desenhos gráficos e textos. O filme não tem locução, tem apenas um trilha sonora simples de toques de piano. Isso facilita para as pessoas que assistem ao vídeo por redes sociais, porque independentemente do som que o vídeo emite, é possível compreender a mensagem que se deseja passar.

Três personagens fazem parte da trama, sendo que um dos desenhos representa um homem e um desenho representa as mulheres - as cores e a forma do cabelo de cada uma que vai identificar que as mulheres não são a mesma pessoa. Ao todo, os

personagens desenvolvem apenas quatro ações. Os movimentos, curtos e repetitivos, são acompanhados de símbolos que determinam a ação.

Na primeira cena, o homem grita com a mulher, percebe-se isso porque o homem balança os braços em direção a ela e aparecem os seguintes símbolos - #!*\$ - que está no imaginário popular por conta das histórias em quadrinhos, conotando gritos, palavra de baixo calão, confusão. Nesta cena, o corpo da mulher está de cabeça baixa, figurativizando um sentimento de culpa, aceitação da reclamação do homem. Na segunda cena, o homem agride a mulher fisicamente porque ele está com as mãos no pescoço dela e a balança como se estivesse batendo a cabeça dela na parede. Uns raios completam a cena, dando sensação de impacto. Na terceira cena, o homem sai da situação de agressivo para romântico, ele está ajoelhado, sugerindo arrependimento, segurando as flores que são oferecidas para a mulher. Esta, por sua vez em pé, conota que está surpresa e que gostou da atuação do homem porque suas mãos se juntam e o pé levanta, um movimento corporal típico de filmes românticos.

Os movimentos que os personagens fazem vêm acompanhados de títulos e mensagens explicativas, que contextualizam os movimento. Assim, essa combinação torna o vídeo bem didático. Uma das cenas mostra em forma de texto escrito que, após a fase Lua de Mel, o ciclo se repete novamente, as setas e os pontilhados rodando no sentido horário ajudam a criar uma representação de ciclo. Logo em seguida, surge um novo texto que explica os motivos que fazem as mulheres ficarem nessa situação. O vídeo se aproxima novamente da primeira cena de agressão do casal e ,logo em seguida, o homem sai de cena e entra em cena a segunda mulher, diferenciada pela sua cor, rosa. O movimento que a segunda mulher faz é de alisar/acariciar o braço da mulher que sofria os maus tratos, conotando conforto. Nesse mesmo momento, a trilha também muda, ficando um pouco mais empolgante, caracterizando um momento positivo do vídeo, onde as mulheres se ajudam. A trama acaba e o vídeo finaliza com a logomarca do Mete a Colher, o *slogan* “rede de apoio entre mulheres” e o *site*.

Em quase todo o filme, as cores predominantes são o preto, que fica apenas de fundo de imagem, e o branco, que aparece na cor do casal e dos textos. A cor rosa, aparece apenas nos títulos de cada fase do abuso mas, principalmente, na mulher que conforta a vítima, dando uma interpretação de feminilidade, toque maternal e de coleguismo e amor.

A intensão do vídeo é explicar o relacionamento abusivo, apresentar a rede Mete a Colher como a solução para a mulher ter apoio para sair de uma relação tóxica, canal para buscar mais informações acerca de relações agressivas, além de estimular as mulheres a ajudarem outras mulheres.

O discurso tem como objetivo estabelecer uma relação entre o enunciador e o enunciatário. Segundo apresenta Maria do Rosário (1995), “a enunciação pode ser reconstruída pelas marcas espalhadas no enunciado; é no discurso que se percebem com mais clareza os valores sobre os quais se assenta o texto” (p. 19). Essas marcas são determinadas a partir do eu-aqui-agora.

O *eu*, que caracteriza o sujeito do vídeo, está presente nos três personagens. São as características particulares de cada personagem que define o interlocutor na forma de um homem agressivo, que é possível identificá-lo como o companheiro da vítima; uma mulher vítima, que sofre as ações do homem; e uma mulher que ajuda; que “tira” a mulher do ciclo do abuso. O *aqui* não é determinado. Não tem cenário ou espaço delimitado, sendo assim, é um lugar qualquer, ficando claro que o ciclo do abuso pode acontecer em qualquer lugar. E o *agora* também não é determinado no vídeo, podendo as cenas acontecerem em tempos passados, no presente ou no futuro. Por fim, sendo o vídeo “Ciclo do abuso” uma forma simples, prática e objetiva de tratar a temática relacionamento abusivo, temos aqui uma enunciado-enunciado.

Considerações finais

Para finalizar, acreditamos que a semiótica greimasiana foi de fundamental importância para analisar e compreender qual a intenção de um enunciador de uma mensagem quando se comunica com o seu enunciatário. Cada detalhe de uma mensagem - no caso do vídeo o som, os textos, as cores utilizadas - tem uma função significativa e intencional para a compreensão da mensagem como um todo. Perceber todas essas nuances auxiliou na compreensão que o enunciatário obteve depois de assistir o vídeo do ciclo do abuso: a mulher que vive uma relação abusiva pode se identificar nos personagens do vídeo, e a mulher que queria ajudar, se sentiu motivada para auxiliar uma vítima de relação abusiva.

Para além disso, o artigo ofereceu possibilidade ao leitor de entender sobre o tema relacionamento abusivo, e atentar para o apoio que deve ser oferecido às mulheres que vivem esse tipo de relação.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos da semiótica**. São Paulo, Humanitas FFLCH/USP, 3. ed. 2001.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Enfrentando a Violência contra a Mulher**. Brasília, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Semiótica e Mídia: textos, práticas, estratégias**. Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz e Jean Cristtus Portela (organizadores). Bauru: UNESP/FAAC, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise do discurso**. Editora Contexto: São Paulo, 1989.

FIORIN, José Luiz. **A noção de texto na semiótica**, em *Organon*. Porto Alegre, v. 9, n. 23, p.163-173, 1995.

GREIMAS, Algidas Julien e COURTES, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo, Cultrix. (s/d).

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. Alfa, São Paulo, 39: 13-21,1995.

LANDOWSKI, E. **Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 10-20, jun. 2014.

RABELO, Claudio. **Como fazer uma análise semiótica discursiva?** Versão 12 de agosto, de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bMyZBKvHbGg&t=52s>>. Acesso em 21 de março de 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed - São Paulo. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. São Paulo Perspec., São Paulo , v. 13, n. 4, p. 82-91, Dec. 1999 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 de abr. 2017.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Em: Educação e Realidade. Porto Alegre, v.16, n.2 p. 5-22, jul/dez., 1990. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 10 jun. 2017.

50,3% dos homicídios de mulheres no Brasil são cometidos por familiares. G1, São Paulo. 09 de nov. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/11/503-dos-homicidios-de-mulheres-no-brasil-sao-cometidos-por-familiares.html>> Acesso em: 13 mar. 2017.